

TIME HUMANIDADES

CUIDADOS COMPARTILHADOS NA PANDEMIA



HUCITEC
EDITORA

Em novembro-dezembro de 2019 o mundo recebeu um alerta sobre a potencialidade de disseminação de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), que emergiu na província de Wuham, China. Ainda hoje sua origem continua em investigação por especialistas da Organização Mundial de Saúde (OMS). Naquele momento não se podia imaginar, muito menos prever, a dimensão das consequências da emergência desse coronavírus, que deu origem à Covid-19.

Entretanto, a partir de janeiro de 2020, já era possível perceber a gravidade da doença e seu alcance. Consequentemente, em 11 de março de 2020 a OMS decretou que a Covid-19 era uma pandemia, ou seja, de repercussão planetária! Mais ainda, a partir do segundo semestre de 2020, ficou claro que não se tratava unicamente de um problema sanitário, que resultou no comprometimento, ou mesmo colapso, dos sistemas de saúde pública. A Covid-19 passou a ser denominada como uma sindemia — pelas implicações adicionais: socioambientais, econômicas e políticas.

Ao mesmo tempo que o processo sindêmico se instalava, o desenvolvimento científico e tecnológico avançava — em busca de fazer face ao desafio. E assim, apesar da resistência negacionista, em apenas dez meses o mundo se surpreendia com a aceleração da pesquisa sobre vacinas — incluindo-se, nesse processo, os estudos sobre as vacinas de RNAm: uma verdadeira revolução do conhecimento humano em prol da prevenção à Covid-19.

A sindemia trouxe consequências inimagináveis. Por um lado, trouxe a imposição do distanciamento social e os diversos tipos de confinamento, autoimpostos ou decretados como forma de reduzir a disseminação do vírus. Por outro, a emergência de novas variantes do SARS-CoV-2, aliada às precárias condições de vida existentes em determinadas comunidades, provocou perdas incalculáveis de vidas e de perspectivas de futuro. Esse quadro teve, como uma de suas mais graves consequências, o comprometimento da saúde mental das populações.

E foi em meio a esta grave situação que fui convidado, como Diretor do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ e virologista, a conhecer o trabalho deste espetacular movimento promovido pelo “TIME Humanidades”. Em 9 meses, o trabalho ultrapassou a marca de 4 mil atendimentos, com casos provenientes de todo o país, bem como de brasileiros no exterior. O levantamento acerca da abrangência do trabalho foi criterioso, abordando alguns aspectos fundamentais que forneceram informações relevantes sobre a amostra populacional abarcada neste esforço coletivo — que representou a união de profissionalismo e solidariedade, respeito humano e amor ao próximo.

Testemunha do engajamento deste coletivo em uma atuação que gerou um impacto social intangível, posso afirmar que os relatos, que fazem parte desta obra, representam uma verdadeira lição de humanismo! O “TIME Humanidades” se formou respondendo ao chamado de socorro diante de uma situação gravíssima, para minimizar as consequências da Covid-19 na saúde mental. Seus membros tem se dedicado tanto aos atendimentos de profissionais da própria área da saúde como às populações atingidas pela doença, buscando realizar um trabalho ímpar que tem servido a oferecer um maior fortalecimento psicossocial às pessoas acolhidas. Esta iniciativa tem significado uma relevante contribuição para uma nova perspectiva de vida, oferecendo apoio para seguir em frente diante de perdas significativas nos planos pessoal, social ou econômico. Enfim, o “TIME Humanidades” vem exercendo uma prática profissional comprometida com a busca de um reequilíbrio emocional, além da revalorização da vida, durante este período sindêmico em curso.

— **Dr. José Paulo Gagliardi Leite**
Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ

CUIDADOS
COMPARTILHADOS
NA PANDEMIA



The background of the cover is a light gray pattern of butterfly silhouettes. The butterflies are scattered across the page, with a higher concentration on the left side, creating a sense of movement and lightness.

TIME HUMANIDADES

**CUIDADOS
COMPARTILHADOS
NA PANDEMIA**

Hucitec Editora
2022

© Direitos autorais, 2022,
de Time Humanidades
© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Telefone (55 11 3892-7772)
www.huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial: MARIANA NADA
Produção editorial: KÁTIA REIS
Assessoria editorial: MARIANA TERRA
Circulação: ELVIO TEZZA

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C973

Cuidados compartilhados na pandemia / Time Humanidades. - 1. ed. -
São Paulo : Hucitec, 2022.

263 p. ; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-85-8404-255-5

1. COVID-19, Pandemia, 2020. 2. Psicologia clínica. 3. Serviço de
saúde mental - Brasil. 4. Humanização dos serviços de saúde - Brasil. 5.
Consulta psicológica - Inovações tecnológicas. I. Título.

22-76364

CDD: 362.10981

CDU: 364.622(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Dedicamos este livro ao querido médico e idealizador
do Grupo Humanidades na Saúde, RICARDO CRUZ,
maestro deste inesquecível encontro

Agradecemos a todos que atendemos, pela
oportunidade de exercer nosso ofício de maneira
solidária e criativa

SUMÁRIO

- 15 **PREFÁCIO**
Vivência e resgate
Margareth Pretti Dalcolmo
- 19 **INTRODUÇÃO**
Time Humanidades: um pouco da nossa história
Ana Luiza Novis
- 25 **PESQUISA**
O relato da experiência compartilhada: uma pesquisa instintiva
ou um conto de bruxas?
Danielle Grynszpan

HISTÓRIAS

- 37 *Adriana Borba*
POSSO CANTAR, DOUTORA?
- 41 *Adriana Novis Leite Pinto*
ROSA DO DESERTO
- 44 *Adriana Pigliasco*
O ATENDIMENTO

- Alexandra Braga Miziara*
46 **ESCUITA SEM FRONTEIRAS**
- Ana Cristina Bechara Barros Fróes Garcia*
50 **OS CONTOS SEM FADAS**
- Ana Franqueira*
53 **TEMPOS DUROS, DOUTORA**
- Ana Luiza Badaró*
57 **SINCRONIA**
- Ana Luiza Novis*
60 **REPATRIADO**
- Ana Spiller*
64 **RELATO DE UMA PEQUENA EXPERIÊNCIA**
- Beatriz Furtado de Mendonça Moretzsohn*
67 **ESPELHO, ESPELHO NOSSO**
- Beril Eraydin Williams de Athayde*
69 **DESEMBARALHANDO AS EMOÇÕES**
- Betina Kligerman*
72 **RELATOS SOBRE AFETOS EM TEMPOS DE PANDEMIA**
- Cassia Zanini Giansante*
75 **O JOGO DA VIDA E SEUS DESAFIOS**
- Celina Cantidiano*
78 **O ANO EM QUE TUDO MUDOU**
- Clara Sauberman*
82 **UM ATO DE AMOR E HUMANIDADE**
- Claudia Macieira*
85 **O TEMPO E A VIDA**
- Cristina Brasil Salgado Haupt Buchenrode*
87 **O SOM DO SILÊNCIO**
- Cristina Kuhn*
90 **A LINDA MENINA QUE PAROU DE SONHAR**
- Cristine de Moraes*
93 **AS RAÍZES DA SOLIDARIEDADE**
- Daniela Nogueira de Moraes*
95 **PLENITUDE**

- Danielle Grynszpan*
99 **ENTRETECENDO REDES DE ESCUTA: RISCOS DE PASSAGEM**
- Désirée Claire Sulam*
103 **A MINHA, A SUA, A NOSSA TRAVESSIA**
- Dora Gurfinkel*
106 **BEM ACOMPANHADA, NUNCA SÓ**
- Eliane Marcellino da Silva*
109 **O DIA EM QUE O MUNDO PAROU!**
- Elizabeth Queiroz Moreira de Andrade Salgado*
112 **NADANDO EM UM AQUÁRIO**
- Érica M. Canarim*
116 **humANA**
- Ethel Resch*
118 **RESPIRA, NÃO PIRA**
- Eva Bruckner*
122 **O FATOR “VOCÊ TEM RAZÃO”**
- Fátima Geovanini*
126 **A MINHA, A SUA, AS NOSSAS DORES**
- Helena Müller*
130 **RESSONÂNCIAS PANDÊMICAS**
- Heloisa Helena de Castro Pinto Yoshida*
133 **YAKSAN: DA ANSIEDADE À PRODUÇÃO DE YAKISOBA**
- Inês Grabowsky Basto*
137 **NOMEAÇÃO**
- Isabel Ferreira Marques*
140 **O INESPERADO FEZ UMA SURPRESA**
- Isabela Pecego*
142 **EROS E COVID**
- Joana de Vilhena Novaes*
146 **CORPO, LUTO & MEMÓRIA NA PANDEMIA**
- José Henrique Lobato Vianna*
150 **OS AFETOS QUE HABITAM EM MIM SAÚDAM OS AFETOS QUE HABITAM EM VOCÊ...**

- José Roberto Muniz*
154 **PASSAGENS DA QUARENTENA**
- Juliana Diniz Cerqueira*
158 **A GAIOLA: A CLÍNICA COM CRIANÇAS NO DISPOSITIVO VIRTUAL**
- Laura Mello Machado*
162 **MÃOS DADAS E ALMAS LAVADAS: A FORÇA DA EMPATIA NO ATO DE CUIDAR E SER CUIDADO**
- Luciana Graça Alfredo Pinto Martins*
166 **VIVER TUDO OUTRA VEZ**
- Luiza Helena Rocha*
169 **HUMANIDADE**
- Malu Ruiz*
172 **VAMOS PROSEAR?**
- Márcia Herculano Velasco*
174 **ENCONTRO NA DESPEDIDA**
- Márcia Maria Alves de Carvalho Stephan*
178 **MUITO POUCO, MUITO PERTO DE NADA É MELHOR QUE NADA**
- Márcia Maron Diaco*
181 **NÃO TENHO COM QUEM FALAR... VOCÊ PODE ME AJUDAR?**
- Márcia Merquior*
184 **NOSSO TÍME, UM OÁSIS DE FRATERNIDADE**
- Marcia Rubinsztajn*
188 **TRAVESSIA ACOMPANHADA**
- Maria Cristina Ribeiro Grilli Tissot*
191 **POR QUEM VOCÊ QUEBRARIA O CELIBATO DE ABRAÇOS NESTA PANDEMIA?**
- Maria Tereza Maldonado*
194 **SEMENTES DE CONVERSA**
- Martha Estima Scodro*
197 **DOUTORA, É NORMAL?**
- Monica Gibson*
201 **O AMOR NOS TEMPOS DA COVID-19**

- Monica Ribeiro Alves*
205 **E AGORA...**
- Neise Ventura*
211 **O INVISÍVEL AOS OLHOS TRAZ SAMBA AO CORAÇÃO**
- Regina Ximenes Rocha*
214 **A MINERADORA DE PEDRAS PRECIOSAS**
- Renata Schittini Fernandes*
217 **DO CAOS AO CAIS**
- Rosane Esquenazi*
219 **RECEITAS QUE ALEGAM A ALMA**
- Rosane Vasco*
223 **A RIQUEZA QUE O IMPREVISÍVEL TAMBÉM PODE NOS TRAZER**
- Sheila Maria Corrêa Portugal*
227 **TEMPOS DIFERENTES. TEMPOS DE APRENDIZADO E EMPATIA**
- Silvia Londynski Vaks*
231 **IMAGENS E ESCUTA: UM ENCONTRO POÉTICO**
- Simone Silva Freitas*
234 **O PRIMEIRO PRESENTE**
- Sueli Moraes*
237 **COLHENDO FRUTOS NA TEMPESTADE**
- Suzana Meira de Vasconcellos*
240 **O POTENCIAL TRANSFORMADOR DA CRISE**
- Vanja Bessa Ferreira*
244 **CORDA BAMBA**
- Vitória Duarte*
246 **ESCUA NA PANDEMIA: ABRINDO FRESTAS EM PORTAS BLINDADAS PELA DOR**
- 249 **QUEM SOMOS**
- 261 **AGRADECIMENTOS**

PREFÁCIO

Vivência e resgate

Margareth Pretti Dalcolmo

Médica pneumologista, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz

Recebi, com especial prazer e uma legítima sensação de pertencimento, o convite de Ana Luiza Novis para prefaciar esta obra, retrato em todas as cores e matizes, da experiência acumulada de profissionais sensíveis e competentes em suas missões.

A originalidade da proposta transformou com pleno êxito a narrativa, mais do que em abstração teórica, em vivência, uma vez que o leitor, ao penetrar em cada relato, se sente protagonista dele mesmo. Cada demanda, em suas diferentes intensidades, revela mais do que angústias ou medo, indagações, e, sobretudo, vontade

de interagir, de reconhecer um ouvido solidário e capaz de aportar alívio ao que sofre. Nesse sentido, os registros puros, genuínos, se multiplicam, se entrelaçam e se completam, uns aos outros, sem ferir suas singularidades, porém se montando numa complexa rede de humanidade e de generosidade, essencialmente.

Nasce essa proposta, ora tão densamente consubstanciada, do projeto Humanidades na Saúde, criado há alguns anos, sob a iniciativa de nosso amigo, o saudosíssimo Dr. Ricardo Cruz, e que Ana Luiza Novis, vários dos colaboradores aqui presentes e eu, incorporada à então denominada “Assessoria Secreta”, tivemos o prazer de acompanhar e participar ativamente desde o nascedouro.

Humanidades encerra uma multiplicidade de saberes, todos profundamente inseridos na realidade brasileira, a traduzir as assimetrias inevitáveis nas relações humanas. Sendo MEDO a expressão mais usada em suas diversas manifestações, os profissionais que aqui trabalharam entenderam antes de tudo que, buscar no outro até, por vezes, uma capacidade que o outro nem sabe que tem, pode ocorrer em nossas vidas. Nesta obra o que vemos é um acolhimento, uma biunivocidade fluida, entre quem precisa e quem sabe que pode responder e ajudar, aquecida pelos melhores sentimentos. Muitos capítulos, ou melhor, vivências dessas histórias pessoais, se iniciam com questões, ou pedidos de ajuda, gerando no mínimo conjecturas cuidadosas, e não respostas imediatas ou fáceis. Assim se arrefecem as assimetrias que costumam marcar demandas dessa natureza.

O século XX se encerrou não apenas com a erradicação de muitas doenças e o controle de outras, mas um aguilhão de que poderíamos vencer a morte. Entramos neste século contaminados pela inquietude de que o bioterrorismo e epidemias poderiam colocar em risco a vida no planeta. Todos nos perguntamos como ficará o registro de memória desse tempo pandêmico em nossas vidas. E este livro, esse raconto humano, metodologicamente organizado, contribui para o exercício de consciência do qual não podemos nos permitir renunciar.

Um tsunami? O nome ressoa como se pairando entre uma lenda encantadora de desenho animado e uma realidade infame, mas o fato é que a presente pandemia, nos chegou como tsunami,

sem tempo para perplexidades, e desnuda, além do “rei colocado a nu”, o quanto não soubemos aproveitar o “recoo do mar” representado pelo alerta dos países que nos antecederam. Informações que se perderam numa disfuncionalidade a confundir a opinião pública sobre a gravidade do fato epidêmico, como ocorreu no Brasil, contribuíram seguramente para as tristes consequências da doença entre nós. O controle de notícias procedentes ou não, e sua disseminação sofreram um deslocamento das mídias convencionais para a capilaridade das mídias sociais, para o bem e para o mal.

Inúmeros são os episódios na história em que os fatos se sobrepõem em relevância e verdade, seus desfechos confirmam as hipóteses, se magnificando em relação às narrativas mais negacionistas e controversas sobre eles. Ao longo da história os negacionistas da evolução ignoraram a biologia, como se o mundo tivesse começado há menos de dez mil anos, e não há milhões, numa reação mais do que ignorante, perversa.

Assim, se pensar numa nova ordem mundial é papel dos economistas e formuladores de políticas públicas, nunca a sociedade civil e governos se viram tão instados a reconhecer que não é possível seguir observando fotos e registros das nossas desgraças sociais do dia a dia com insensibilidade estética de expectador de exposição de arte ou prêmios de fotografia.

Nosso querido poeta Antônio Cícero, em seu *Estranha Alquimia*, nos chama à consciência nos versos de *Perplexidade*: “Não sei onde foi que me perdi; talvez nem tenha me perdido mesmo, mas como soa estranho pensar que isto aqui fosse o meu destino desde o começo”. Essas palavras, nesse tempo demarcador de nossas vidas, e sem tréguas para o acaso, de responsabilidades negadas e luto infinito, nos leva a refletir com esperança no homem.

INTRODUÇÃO

Time Humanidades: um pouco da nossa história

Ana Luiza Novis

Coordenadora do Time Humanidades

Psicóloga clínica

Existem palavras tão poderosas que só pronunciá-las já nos convida a revisitar matizes inspiradoras no horizonte. “Humanidades”, sem dúvidas, é uma delas. Uma palavra paroxítona que carrega consigo o significado dos valores mais preciosos, das qualidades mais distintivas em ser humano — em ser justo, benevolente, empático, solícito com nosso semelhante. Ao refletir sobre o ser humano em diferentes perspectivas, nos mantemos abertos à singularidade e à beleza presentes em cada história de vida. Para não correr o risco de padronização, reconhecemos a importância de

manter a curiosidade e o interesse genuíno sempre disponíveis para tornar cada encontro uma experiência única.

Em 2016, o doutor Ricardo Cruz, um humanista em sua essência, criou no Hospital Samaritano o Grupo Humanidades com o objetivo de lapidar e ampliar a qualidade das relações humanas no contexto da saúde. Como um grande maestro, ele selecionava temas que nos nutriam de saberes e reflexões sobre a qualidade de “estar com” em múltiplos contextos. Ao final de cada reunião, saíamos com uma partitura em mãos, um conjunto de ideias que nos convidava a desenvolver novos arranjos e imaginar nossas próprias composições. Desde então, esse precioso grupo se tornou uma grande referência para os profissionais de saúde.

No dia 22 de março de 2020, uma ideia foi semeada no Grupo Humanidades. O mês de março vinha fechando o verão com uma promessa bem diferente daquela dos versos melodiosos de Tom Jobim, outro grande maestro. A promessa que ressoava nos remetia a desafios sombrios e a incerteza assombrava as conversas e os noticiários. Como manter de pé a promessa de vida no coração? Uma vontade trouxe um caminho, acendeu o desejo de contribuir e propiciar uma escuta acolhedora. Era o ponto de partida para o nascimento de um novo Time. Embalados pela música das partituras desenvolvidas ao longo de cinco temporadas no Grupo Humanidades, decidimos compor uma rede solidária. Passamos a oferecer suporte psicológico através de um atendimento pontual *on-line* pelo WhatsApp para ajudar tanto os profissionais da saúde quanto a população em geral.

Nosso maestro Ricardo Cruz nos deu um apoio precioso e adotamos, com suas bênçãos, o mesmo sobrenome do grupo que nos afinou nas claves da compaixão e da solidariedade: Humanidades. Disponibilizamos nossos números de celulares numa lista que, em um fluir rizomático e tecnológico, alcançou territórios inesperados: nos expandimos a partir do Rio de Janeiro e alcançamos quem precisava de nós em outras cidades, em outros estados e até em outros continentes.

A princípio, o Time contou com a participação de oitenta e sete psicólogos, dez psiquiatras e duas advogadas. Todos unidos por um mesmo propósito, pelo desejo genuíno de colaborar. Aliás, co-

laboração foi a alma do nosso trabalho. Nascemos por um chamado para ser solidário e fazer bem ao próximo. Não pertencíamos a nenhuma instituição, tínhamos linhas teóricas diferentes, mas buscávamos todos contribuir com o que tínhamos de melhor: a disponibilidade para oferecer uma escuta acolhedora e presente a quem nos procurasse.

Nas reuniões, ideias surgiam para aprimorar e favorecer nossa harmonia e desenvolvimento. Éramos uma Babel invertida, onde diferenças teóricas, em vez de nos distanciar, nos enriqueciam. Tecíamos nossa rotina na medida em que vivenciávamos conversas e nos deparávamos com demandas nos atendimentos *on-line*. Vivemos a construção na ação.

A cada dia, convivíamos com a solidariedade em diferentes perspectivas: a nossa com quem nos procurava, a de quem nos procurava conosco e a que germinava entre nós. O desejo genuíno de estar presentes, atentos e solidários às necessidades que surgiam em cada atendimento nos mantinha profundamente sintonizados e amparados pela empatia. Concomitantemente, éramos nutridos pelas infinitas possibilidades de que o ser humano dispõe para lidar com adversidades. Fomos testemunhas de outras que criaram pérolas, como nos diz Rubem Alves, nos desafios enfrentados durante a pandemia.

Ao longo desses primeiros nove meses, cultivamos amizades verdadeiras entre nós — nos apoiamos, nos incentivamos e nos doamos. Vivemos momentos pessoais desafiadores: alguns de nós tiveram Covid-19, outros perderam amigos e familiares. Também estávamos isolados, saudosos dos abraços e dos encontros presenciais. Éramos também vítimas da incerteza e da vulnerabilidade que rondavam nosso planeta.

O Time se tornou uma ponte que nos transformou em um grande arquipélago virtual. Mia Couto cita em seu livro *E se Obama fosse africano?*¹ uma passagem que faz profunda ressonância com o que vivemos nesses meses. Ele compartilha conosco o ensinamento do escritor e jornalista Ho Chi Minh, que inquerido sobre os belos poemas que escrevera confinado em uma prisão terrível, respondeu: “eu desvalorizei as paredes”. Nós, assim como ele, transpusemos as

1 Mia Couto. *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Cia das Letras, 2016, p. 99.

paredes através da força das histórias que ouvíamos, iluminando o nosso isolamento com o brilho intenso da poesia.

Presentes especiais também fizeram parte da nossa rotina e coloriram as nossas ilhas com aprendizados que nos alimentaram de recursos e ideias para lidar com o momento inédito que enfrentávamos. Nas manhãs de quarta-feira, éramos brindados com a presença de amigos que partilhavam suas *expertises* para ampliar nossa criatividade e reforçar a nossa capacidade de escuta. Foram momentos marcantes que sedimentaram e aumentaram ainda mais a potência da generosidade. Ao longo do caminho, entrelaçamos raízes com instituições que se uniram a nós para fortalecer a rede de apoio solidária. Juntos, criamos espaços valiosos para ofertar psicoterapias individuais, de casal e de família.

O desejo de prosseguir ainda se mantém presente. Ser solidário pode ser viciante; ousar dizer que a solidariedade provoca uma adicção sem contraindicações. Continuamos a oferecer o atendimento pontual e, desde junho, realizamos uma vez por semana as redes de conversa. De março a dezembro de 2020, foram realizados quatro mil atendimentos e dezoito rodas de conversa.

Desde o início, o Time contou com o privilégio de ter a querida Danielle Grynszpan, que além de atender, também nos presenteou com uma oportunidade inestimável. Ela é a responsável por corporificar os registros dos nossos encontros. Afinal, quem tem memória fica na história.

Foram tantos momentos únicos nesta primeira etapa que nos sentimos motivados a eternizar nas páginas deste livro os relatos do que mais nos marcou. Aos dados quantitativos e qualitativos, nos sentimos seduzidos a acrescentar ressonâncias poéticas. A cada relato, adicionar as melodias que ainda vibram em cada um de nós. Expressar a beleza e a diversidade do Time em folhas de papel.

Vivemos duetos, quartetos, coros e sinfonias que entoaram desde réquiens a primaveras. Tivemos a oportunidade única de visitar diferentes margens de histórias de vida que nos apresentaram com belos testemunhos de resiliência e nos convidaram a refletir sobre a nossa própria capacidade de criar nos desafios.

Enquanto germinávamos essa ideia, sofremos uma perda irreparável: Ricardo Cruz nos deixou, mais uma vítima da Covid-19. No nosso último encontro, ele tinha comentado sobre a importância de registrar essa experiência. Nosso maestro deixou no ar uma nota que fortaleceu a construção desse coro de mais de sessenta vozes.

Ricardo criou a terra que nos uniu. Nós germinamos e nos tornamos um rizoma solidário que cresce a cada dia. Dentro de nós, a mesma missão que herdamos do Grupo Humanidades: cuidar do outro tendo como aliados a Ciência, a empatia, a espiritualidade e, sobretudo, o amor.

A pandemia nos fez criar novas possibilidades de “estar com”. As conversas *on-line* viabilizaram um encontro verdadeiro, presente. A solicitude reverberava em ambos os lados: quantas mensagens e cuidados recebemos de quem atendemos! “Cuidados compartilhados na pandemia” nomeia a essência do que foi vivido por nós.

Na composição deste livro, tivemos o cuidado de manter a nossa diversidade preservada. Em cada partitura, o estilo próprio do seu compositor; não estabelecemos um padrão. Contos, crônicas, casos, poesias e reflexões representam a riqueza do que construímos quando abrimos mão do consenso para viver a potência das diferentes escutas e ressonâncias.

Nossa lista de contatos navegou pelo mar das mídias sociais em ordem alfabética. Como e por que cada um escolhia o nome de quem o atenderia sempre gerou curiosidade entre nós, por isso resolvemos organizar nosso livro da mesma forma, preservando na ordem das partituras a magia dos encontros aleatórios.

No primeiro capítulo, oferecemos uma perspectiva sobre o trabalho desenvolvido: uma pesquisa sobre os dados que observamos de março até dezembro de 2020. Uma mudança de retórica que nos mantém conscientes da magnitude do que foi vivido até então e dos efeitos gerados coletivamente.

O filósofo Pedro Duarte diz que escrever é se tornar contemporâneo do que se passa. Uma ideia surgiu na manhã de um domingo cinza e nos motivou a melodiar a vida com notas solidárias. Convidamos você a conhecer nossas partituras. Esperamos que elas

possam inspirá-los a compor sua própria versão dos desafios que vivemos durante a pandemia.

Tenho a honra de coordenar esse Time que exala humanidade por todos seus poros. Ao aferir minha emoção, pulsei poesia. Aguardamos suas inspirações!